

Centrão ameaça parar plenário

O Centrão poderá impedir que haja quorum para a votação do projeto constitucional no plenário, se a mesa da Constituinte não encaminhar em tempo hábil a apreciação do projeto de resolução articulado pelo grupo, que visa a alterar o regimento interno para a apresentação de novas emendas, inclusive por títulos e capítulos. O recurso de que o Centrão poderá se valer foi admitido ontem pelos deputados José Lins (PFL-CE) e Daso Coimbra (PMDB-RJ).

O regimento prevê prazos para a tramitação de um projeto de resolução que, somados, chegam a mais de vinte dias. Se a mesa esgotar todos os prazos, não haverá tempo para o projeto do Centrão ser votado antes de o plenário começar a apreciar as matérias constitucionais — o que deverá acontecer no próximo dia 18. Daí a ameaça do Centrão de não dar número.

De acordo com o regimento, o projeto de resolução é lido e publicado no Diário da Constituinte e em avulso, sendo encaminhado à mesa para parecer em dez dias. Publicado o parecer, convoca-se sessão do plenário no prazo de cinco dias, para discussão em

turno único. Encerrada a discussão, se houver emendas o projeto volta à mesa para que esta, em no máximo dez dias, emita parecer. Este é publicado, distribuído e incluído na Ordem do Dia. Se for aprovado, a mesa terá que oferecer em 48 horas a redação final do projeto, que será submetida ao plenário, sem discussão ou encaminhamento. A última etapa é a promulgação, pelo presidente, da resolução.

O deputado José Lins disse acreditar que o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães (PMDB-SP), irá considerar o fato de a maioria da Assembleia ter assinado o projeto de resolução, reduzindo os prazos. Lins informou que até terça-feira o projeto, que já tem 309 assinaturas, deverá ter o apoio de 320 constituintes.

Os integrantes do Centrão já fizeram, segundo Lins, trezentas emendas aos textos dos títulos I, II e III, que tratam dos princípios fundamentais, dos direitos e liberdades fundamentais, e da organização do Estado. Uma comissão tentará reduzir esse número para quarenta, eliminando duplicidade. Serão escolhidas emendas que mais se aproximem

das teses do grupo. A idéia, como disse Lins, não é substituir totalmente o parecer do relator, mas corrigir distorções.

Ainda de acordo com Lins, o Centrão vai tentar até o fim aprovar a possibilidade de emendas substitutivas a títulos e capítulos, porque isso "facilitará o trabalho e permitirá nova dinâmica na votação". Com este critério, o deputado acredita que o projeto estará integralmente votado até dezembro. Mas se ele não for adotado, na previsão de Lins, a votação poderá se estender até abril de 1988.

As emendas seguirão a posição do grupo contra a "excessiva estatização", como definiu Daso Coimbra. Na área trabalhista, refletirão o entendimento de que deve-se compatibilizar conquistas sociais com a sobrevivência da iniciativa privada. O Centrão pretende também remeter para a legislação ordinária matérias que não consideram constitucionais. Segundo Lins, não se deve "engessar a nação com uma Constituição muito rígida". É melhor deixar muitas questões para a lei, "que pode ser mudada conforme a necessidade da conjuntura".

A LINHA DE FRENTE

RITAMARIA PEREIRA
Da Editoria de Política

Como todo movimento político, o Centrão seus articuladores e também aqueles encarregados de carregar o andor, e os que lutam para se sobressair no grupo. Principalmente quando a mobilização promete dar certo. São os seguintes os linhas de frente do Centrão:

Daso Coimbra — deputado federal há 6 legislaturas, figurando no grupo dos quatro mais antigos da casa junto com Paes de Andrade, Furtado Leite e João Alves, e só superados pelo presidente Ulysses Guimarães. Daso começou no PTB, passou pela Arena e o PDS e está no PMDB há alguns anos. É um especialista em cálculos, tanto que acertou não só o número de votos na aprovação do divórcio como também o nome do parlamentar que fecharia o quorum necessário. Depois, fechou o placar da disputa Nelson Marchezan com Djalma Marinho pela presidência da Câmara, quando todos achavam que este último seria vencedor. Acertou também a volta da anistia. Tem 61 anos de idade, três filhos e sete netos. É evangélico e fundador do grupo parlamentar ecumênico, que tem integrantes católicos, e se reúne todas as semanas para estudar a Bíblia. No Centrão, coordena a coleta de assinaturas.

Basílio Vilani (PMDB/PR) — está em seu primeiro mandato federal, que por sinal mereceu a contestação de alguns suplentes que o acusam de abuso de poder econômico nas eleições. Conseguiu se destacar no Centro Democrático pela organização, a ponto de ter hoje todas as informações deste movimento dentro do PMDB com mapas e outros detalhes. Repete este trabalho no Centrão, sendo o braço direito dos articuladores políticos, além de servir, pelo seu temperamento, como contemporizador das diferentes vaidades registradas no grupo.

Ricardo Fiúza (PFL/PE) — a ele tem sido atribuída a iniciativa de lançar a pedra fundamental do Centrão. Organizou as primeiras reuniões no Hotel Nacional, chamou primeiro os antigos companheiros da Arena e do PDS, bem como os do seu atual partido, o PFL. Com larga experiência nas articulações dos bastidores, já que nunca foi político de plenário, acabou encontrando o apoio que desejava para viabilizar o grupo. Também é da organização, mantendo um arquivo pessoal que ajuda nestas horas. Está no terceiro mandato e tem 48 anos.

Carlos Sant'Anna — tem 56 anos de idade, cumpre o terceiro mandato de deputado federal e, depois de integrar o ministério Sarney foi convidado, este ano a exercer a liderança do Governo na Câmara. Sua idéia inicial era montar uma nova base de sustentação parlamentar do Governo na Câmara, para o que ser-

viria de embrião a mobilização dos antigos moderados do PP. Pensou no Centro Democrático, levado adiante por Expedito Machado, pois sua presença ostensiva acabava atrapalhando os contatos. Continua trabalhando na mesma direção, foi dos primeiros a participar do Centrão, onde se destaca na formulação de estratégias. Está esperançoso de que o grupo acabe restabelecendo o presidencialismo no texto constitucional.

José Lins — é o homem dos estudos temáticos do Centrão, tarefa que divide com mais oito deputados. Foi secretário estadual de Planejamento diversas vezes, uma delas na gestão do presidente Sarney quando era governador do Maranhão. Também passou pela superintendência da Sudepe, de onde saiu para o Senado. Sempre esteve ligado a questões econômicas no tempo que era da Arena e repete a preferência no PFL, agora como deputado. Está com 66 anos de idade, defende a livre iniciativa e quer tirar do texto constitucional tudo que representar opressão à empresa privada.

Roberto Cardoso Alves — é apontado como o mais autêntico representante da direita do PMDB. Empresário, grande proprietário de terras em São Paulo, há alguns meses trabalha na articulação do grupo suprapartidário de centro. Chegou a recolher algumas assinaturas em parceria com Jorge Viana, passou um tempo submerso e voltou agora, com força total. Faz severas restrições à forma como os progressistas e a esquerda tratam a reforma agrária.

Amaral Neto — líder do PDS, jornalista profissional e um combatente de linha de frente, foi um crítico severo da Nova República desde que seu partido ficou na oposição. Defensor da pena de morte, polêmico por natureza, reclama da forma tirana como funciona a Sistematização. Junto com Bonifácio de Andrade, Darcy Pozza e Victor Faccioni assumiu a coordenação dos pedessistas no Centrão. Ele é direitista por convicção e opção, tanto que faz questão de tocar a campanha eleitoral dentro desta linha ideológica.

Luís Eduardo Magalhães — depois de dois mandatos como deputado estadual pela Bahia, quando chegou a presidir a Assembleia Legislativa do Estado, cumpre seu primeiro mandato federal. Tem 32 anos de idade e conta que para o Centrão precisou apenas mobilizar as forças que se organizavam para rebater as posições avançadas demais dentro das comissões temáticas. "Unimos esforços", assinala, achando que isso só foi possível porque muitos se sentiam aliados do processo Constituinte. É filho do ministro Antônio Carlos Magalhães.

Expedito Machado — ele só chegou ao Centrão



Basílio Vilani



Ricardo Fiúza



Roberto Cardoso Alves



José Lins

na quarta reunião, mas com seu temperamento arrojado, acabou conquistando um espaço de comando, para o que conta com a ajuda do carregador de piano do Centro Democrático, Basílio Vilani. Ele tem larga experiência política, mas muitas de suas teses foram rejeitadas no Centrão, como a de apresentar um substitutivo global ao texto Cabral II ou o questionamento no Supremo Tribunal Federal das decisões da Assembleia Nacional Constituinte. Considerado muito valioso, seus colegas não deixam de informá-lo dos passos que dão, pois preferem mantê-lo como um forte aliado pela sua capacidade de mobilização.